

Cadernos de estágio

Trajectoria no Estágio Supervisionado na licenciatura em Química no IFRN, campus Currais Novos

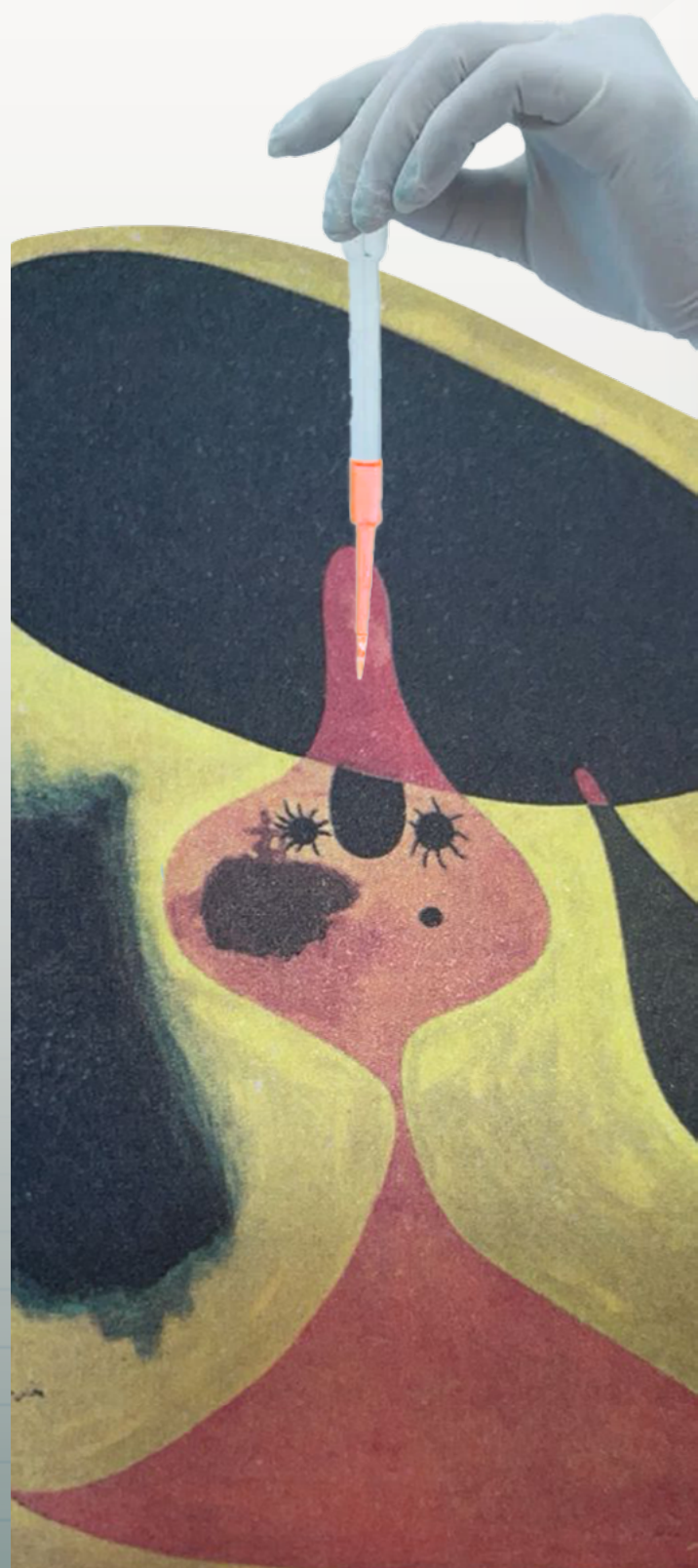
Úrsula Andréa de Araújo Silva ¹
Alessandra Medeiros

Informações

1 ursulaaraujos@gmail.com

Como citar este texto

SILVA, Úrsula Andréa de Araújo;
MEDEIROS, Alessandra Sousa Morais de.
Trajetória no Estágio Supervisionado:
na licenciatura em Química no IFRN,
campus Currais Novos. Cadernos
de Estágio, v. 8, n. 1, 2026. DOI:
[10.21680/2763-6488.2026v8n1ID42042](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2026v8n1ID42042).



O presente relato de experiência é fruto da minha vivência no curso de licenciatura em Química no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte no campus Currais Novos. A proposta decorreu da necessidade de extrapolar os relatórios e trazer algumas reflexões, que somente depois de passado algum tempo tive condições de considerar. São questões que estão postas aqui ao longo do texto e não se esgotam, visto que entendo a formação docente como permanente.

O objetivo principal deste relato é justamente dialogar sobre as inquietações que circundam a formação docente em uma licenciatura, o papel do estagiário, da equipe pedagógica, dos estudantes e como isso tudo se alinha resultando no que experienciamos, no que refletimos, no que nos move e como isso tudo vai produzir um professor melhor, um professor mais engajado, responsável e consciente da sua missão. Longe de querer romantizar, lembramos que há muitos limites e que também são parte do resultado que alcançamos.

O Estágio Supervisionado nos cursos de licenciatura é um momento bastante aguardado pelos licenciandos. No curso de licenciatura em Química do IFRN, ele está dividido em 4 momentos que têm ênfases diferentes, mas carga horária igual. A cada etapa temos 100 horas de atividades a serem desenvolvidas sob

a orientação de um docente e de uma coordenação de Estágio na nossa instituição, e de um interlocutor na escola escolhida para a experiência

Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior ...¹

É preciso dizer que essa etapa acadêmica é muito importante para a formação do futuro professor. É o momento no qual vamos buscar as teorias aprendidas e tentar levá-las para o nosso aluno. É no estágio também que vamos nos deparar com questões próprias da docência relativas ao planejamento e até a avaliação. E tudo isso nos leva a rememorar a nossa experiência discente na Educação Básica. Passamos a refletir e a nos ver naqueles alunos que podem apresentar postura parecida com a nossa ou a pensar sobre engajamento e como consegui-la na nossa regência.

Ao mesmo tempo que o Estágio Supervisionado é uma oportunidade de aprendizado esperada, também é um momento no qual emerge bastante insegurança. O estagiário revive sua experiência escolar pregressa, comparando-a com as vivências no Ensino Superior, ponderando o que considera positivo e negativo em tudo isso, para a partir disso, planejar a sua regência. Nesse artigo,

1 BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 26 set. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11788.htm. Acesso em: 29 set. 2025.

vamos nos deter nos 3 primeiros estágios. Essa delimitação deve-se ao fato de que eles ocorreram na mesma escola campo de estágio e o último em uma escola distinta, o que merece outras reflexões que serão objeto de outro trabalho.

Em meio a todo esse contexto, temos a realidade posta. Antes de chegar propriamente nas regências, o estagiário faz o estudo dos documentos institucionais da escola onde irá desenvolver o Estágio Supervisionado. O primeiro Estágio é dedicado a conhecer a organização e a administração escolar, então é importante que exista um alinhamento com a disciplina de Organização e Gestão da Educação Brasileira que trabalha uma visão mais ampla e temos a tarefa de observar como ocorre na escola onde estamos estagiando. É nesse estágio também que realizamos a caracterização da instituição e dos componentes da escola. Importa-nos também verificar os indicadores atingidos pela escola e os índices de evasão, que é o problema complexo a ser visto e entendido na sua particularidade.

Terminado o primeiro, vamos ao segundo Estágio e nele entramos em sala de aula, porém ainda na condição de observador. Nesse estágio é proposto que acompanhem as aulas do professor titular, procurando analisar o seu planejamento, a ministração dos conteúdos, a interlocução com os alunos, a avaliação e o uso do material didático. Nesse ponto, também é dado destaque,

fazemos uma análise do livro didático utilizado, bem como outros materiais, se houver. A preocupação central é ver a adequação e o uso na turma, assim como o reflexo disso nas avaliações.

Passamos um total de 10 aulas observando tudo e anotando o que nos chama atenção. Essa experiência é uma amostra do que iremos encontrar nos dois próximos estágios, por isso é interessante realizar, pelo menos, uma das regências na turma observada, porém não é obrigatório, visto que envolve muitas variáveis. Além de verificarmos todos os elementos que compõem o dia-a-dia do professor em sala de aula, outro ponto que podemos avaliar é a relação interpessoal entre alunos e professores.

Durante o estágio 2, acompanhei a turma do 8º ano A, composta por 25 estudantes, sendo 11 meninas e 14 meninos, com idades entre 15 e 16 anos. Percebe-se, nesse contexto, uma disparidade na faixa etária dos alunos, o que pode impactar tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o socioemocional, já que diferentes níveis de maturidade podem influenciar na participação e no engajamento em sala de aula.

Como pontos positivos, destaco que os estudantes demonstravam interesse em aprender: tiravam dúvidas com frequência, participavam das aulas de forma espontânea e, na maior parte do tempo, mantinham um envolvimento contínuo com as atividades propostas. Além disso, a professora titular mostrava aten-

ção especial aos alunos com maiores dificuldades, oferecendo suporte sempre que necessário. Esse cuidado está alinhado ao que Vygotsky (1991) propõe na teoria da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), em que o professor atua como mediador para que o estudante alcance níveis mais avançados de aprendizagem com a devida orientação.

Por outro lado, alguns aspectos negativos também foram observados. Em determinados momentos, a professora precisou interromper a explicação para conter conversas paralelas que atrapalhavam o andamento da aula. Outro ponto relevante foi a variação na frequência: embora a turma fosse composta por 25 estudantes, a maior presença registrada foi de 21 alunos em apenas uma aula, enquanto a menor foi de apenas 9, com números oscilando entre 12, 14 e 15 estudantes nas demais aulas. Esse cenário evidencia uma grande irregularidade na assiduidade, o que, segundo Libâneo (2013), pode comprometer a continuidade do processo ensino-aprendizagem, pois a aprendizagem demanda sequência e sistematicidade.

Além disso, em algumas situações, foi possível perceber estudantes desinteressados, que permaneciam com a cabeça baixa durante longos períodos, enquanto a professora prosseguia a explicação para aqueles que estavam atentos. Essa atitude sugere a necessidade de estratégias pedagógicas mais interativas e motivadoras, capazes de

envolver os diferentes perfis de alunos, conforme defende Ausubel (1982) em sua teoria da aprendizagem significativa, na qual o aluno aprende de maneira mais efetiva quando o conteúdo se relaciona com seus conhecimentos prévios e com sua realidade.

Durante o estágio 3, ministrei aulas para a turma do 9º ano A, a mesma que acompanhei no Estágio II. A turma era composta por 30 estudantes, e as aulas foram realizadas às terças-feiras, no 2º e 3º horários, conforme acordo prévio com o professor responsável e com a divisão dos conteúdos planejados para as semanas estipuladas.

Os principais objetivos das aulas foram:

- Compreender os modelos atômicos;
- Entender a formação e a organização da Tabela Periódica e suas características;
- Aprender sobre a distribuição eletrônica e seu funcionamento;
- Assimilar todos os conteúdos abordados de forma clara e, sempre que possível, dinâmica, para facilitar a aprendizagem.

Como pontos positivos, destaco que, mesmo tendo utilizado recursos tecnológicos em apenas uma aula — especificamente para explicar a Tabela Periódica por meio de slides — essa experiência contribuiu significativamente para a compreensão do conteúdo pelos alunos. Além disso, a turma, na maior

parte do tempo, mostrou-se colaborativa e comprometida com a entrega das atividades propostas. Outro aspecto positivo foi o apoio do professor colaborador, que acompanhou todo o processo, auxiliando tanto no planejamento dos conteúdos quanto na organização dos horários e estratégias de ensino.

No entanto, alguns pontos negativos também foram identificados. Não foi possível utilizar com maior frequência o recurso multimídia da escola, pois este precisava ser reservado com pelo menos uma semana de antecedência e estava disponível para uso de todos os professores, sendo o único datashow da instituição. Além disso, em alguns momentos, tanto eu quanto o professor colaborador precisávamos intervir para conter conversas paralelas que prejudicavam a concentração e o andamento da aula.

Do ponto de vista pedagógico, a experiência evidencia a importância do uso de recursos tecnológicos para tornar o ensino mais dinâmico e favorecer a aprendizagem, conforme defendido por Moran (2000), que destaca como as tecnologias podem potencializar a interação e o engajamento dos estudantes quando utilizadas de forma planejada. Além disso, situações de dispersão e conversas paralelas revelam a necessidade de estratégias de gestão de sala de aula mais ativas, como propõe Libâneo (2013), que enfatiza a criação de um ambiente organizado e participativo como condição para um ensino eficaz.

Por fim, percebe-se que, mesmo diante das limitações estruturais, o planejamento prévio e a colaboração entre professores foram essenciais para garantir a qualidade das aulas e favorecer o processo de ensino-aprendizagem.

Relato das Aulas: algumas reflexões

As aulas do Estágio III foram ministradas sempre às terças-feiras, no 2º e 3º horários, ao longo de cinco semanas. O planejamento dos conteúdos e do cronograma foi definido previamente com o professor colaborador, o que, segundo Libâneo (2013), é fundamental para garantir a organização do trabalho pedagógico e a coerência entre objetivos, conteúdos e metodologias. A turma escolhida foi a mesma do Estágio II, o que facilitou a interação inicial, já que os alunos já me conheciam e o vínculo estabelecido anteriormente tornou a comunicação mais natural e acolhedora.

Sucintamente falando, para os planejamentos das aulas não pude utilizar o livro didático como base principal das minhas aulas devido à falta de informações importantes para os conteúdos abordados e debatidos com antecedência com o professor orientador da escola na qual fiz o respectivo Estágio III. Por isso utilizei, de forma contínua em todas as elaborações das aulas, pesquisas mais aprofundadas em cada conteúdo principalmente no que diz respeito aos exercícios das respectivas aulas elaboradas, principalmente nas aulas

de Modelos atômicos e Distribuição eletrônica, nas quais usei questões de um site confiável e baseado no que eu iria explicar para eles. Já no exercício de Tabela periódica eu mesma elaborei as questões baseando-me no conteúdo que eu iria ensiná-los na aula.

Na primeira aula, o tema trabalhado foi Modelos Atômicos. Preparei materiais impressos para apoiar a explicação, o que, de acordo com Zabala (1998), contribui para que os estudantes tenham acesso a diferentes recursos didáticos, favorecendo a compreensão do conteúdo. Após a exposição teórica, realizei uma atividade prática valendo pontos para a nota bimestral, buscando estimular a participação ativa dos estudantes. Essa estratégia está em consonância com Ausubel (1982), para quem a aprendizagem torna-se mais significativa quando o aluno é protagonista no processo e consegue relacionar o conteúdo com situações concretas.

A segunda aula, sobre Tabela Periódica, utilizou-se slides como recurso, uma vez que o conteúdo era extenso e envolvia a evolução histórica até o modelo atual. No entanto, observei momentos de dispersão, exigindo intervenções para manter a atenção. A professora substituta sugeriu diminuir a quantidade de texto e utilizar mais elementos visuais, o que vai ao encontro das ideias de Moran (2000), que defende o uso de tecnologias e recursos multimídia para criar aulas mais dinâmicas e atrativas,

adaptando-se ao perfil dos estudantes contemporâneos.

Nesse ponto também podemos apontar o contraste entre a formação que recebemos na licenciatura, onde prioriza-se o uso de slides, e a que ministramos na Educação Básica que não é tão bem aceita pelo público. Podemos entender ao relacionar o perfil a quem se destina, devido à faixa etária, à maturidade, à questão da leitura, entre outros elementos que são mais particulares dos indivíduos.

Na terceira aula, trabalhei a Distribuição Eletrônica. Houve maior participação dos alunos, que trouxeram dúvidas durante a explicação, tornando a aula mais interativa. Essa troca dialoga com a perspectiva de Vygotsky (1991), para quem a aprendizagem é potencializada na interação social e no diálogo entre professor e estudante. A atividade prática também apresentou bons resultados: a maioria dos alunos obteve notas acima de 0,5, correspondendo à metade da nota máxima e demonstrando que o envolvimento na aula favoreceu a compreensão do conteúdo.

A quarta aula foi dedicada à revisão dos conteúdos já estudados, com três questões de fixação. Apesar de pequenas conversas paralelas, a aula manteve-se organizada. Segundo Libâneo (2013), momentos de sistematização e revisão são essenciais para consolidar a aprendizagem, pois permitem que os alunos retomem conceitos e identifiquem eventuais dúvidas.

Por fim, na quinta aula, realizei uma dinâmica de grupo com 15 questões baseadas nos conteúdos trabalhados. A atividade promoveu a colaboração entre os alunos, aproximando-se da proposta de aprendizagem cooperativa de Johnson e Johnson (1999), que ressalta o valor do trabalho em equipe para o desenvolvimento acadêmico e social. O clima descontraído e competitivo despertou interesse e engajamento, mostrando que metodologias ativas podem transformar a sala de aula em um espaço mais participativo e significativo.

16 Ao término do estágio, preparei uma mensagem de encerramento e entreguei um pequeno mimo aos estudantes, finalizando com uma foto coletiva. Esse momento simbólico reforça a importância do afeto e do reconhecimento no processo educativo, aspecto destacado por Freire (1996), ao afirmar que ensinar exige não apenas conteúdos, mas também relações humanas pautadas pelo respeito e pelo cuidado.

De forma geral, o Estágio III foi uma experiência enriquecedora, permitindo vivenciar na prática o que teóricos da educação apontam: o ensino de qualidade requer planejamento, metodologias diversificadas e um olhar atento às necessidades dos alunos para tornar a aprendizagem mais efetiva e prazerosa.

O Estágio Supervisionado IV, realizado no 8º período, teve como principais documentos formais a Carta de Apre-

sentação, o Termo de Compromisso, a Ficha de Frequência IV e a Ficha de Avaliação do Estagiário(a) pelo Professor Colaborador (Etapa Regência). Diferentemente dos estágios anteriores, que ocorreram na Escola Municipal Prof. Humberto Gama, este foi realizado no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) – Campus Currais Novos, uma vez que a escola parceira não oferecia o Ensino Médio e uma das exigências do Estágio IV era a regência nessa etapa de ensino.

O Estágio Supervisionado IV marcou, assim, a finalização de um ciclo acadêmico, simbolizando a transição entre a formação inicial e a prática profissional. Como defende Freire (1996), ensinar exige rigor, ética e compromisso com o ato de aprender, preparando o futuro professor para os desafios da sala de aula. Para mim, essa etapa representou não apenas a conclusão formal de uma disciplina, mas uma preparação concreta para o exercício da docência, vivenciada sob a supervisão atenta e orientadora do professor colaborador, do início em 10/11/2023 até o encerramento em 15/12/2023. Apesar da importância desse estágio, entendo que ele apresenta outro viés e possibilita uma comparação com a experiência anterior que não cabe nesse espaço, requer outro trabalho mais aprofundado. Assim não detalharei aqui essa vivência e, dessa forma, fica para outra produção.

Conclusão

O Estágio Supervisionado é um momento singular na caminhada do licenciando. É nessa experiência, prioritariamente, que vamos nos formando, nos moldando docentes com uma consciência maior. Por isso, os Estágios III e IV têm um lugar especial, pois é quando vamos nos lançar efetivamente à experiência docente. Cada momento tem seu significado e nos proporciona uma série de reflexões.

Viver o Estágio Supervisionado é necessário, mas não nos define porque estamos ainda em formação que, na verdade, nunca termina, visto que é um processo. Cada experiência de sala de aula vai nos compor, nos formar, nos desafiar... é um procedimento contínuo e estimulante, pois precisamos, por nós e por nossos alunos, manter esse desejo de aprender e de mediar a caminhada dos discentes, procurando sempre dar o nosso melhor e ajudar os nossos alunos a atingirem os melhores resultados.

É nessa oportunidade que damos os primeiros passos, acertamos, erramos, nos apoiamos em quem está ao nosso lado e seguimos. Algumas vezes, fraquejamos, mas vamos adiante porque a chama que nos move nos impulsiona a manter a luta por uma Educação de qualidade, por acreditar que podemos e faremos a diferença.

Referências

AUSUBEL, David **P. A aprendizagem significativa**: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

BRASIL. **Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 26 set. 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm. Acesso em: 29 set. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOHNSON, David W.; JOHNSON, Roger T. **Learning Together and Alone**: Cooperative, Competitive, and Individualistic Learning. 5. ed. Boston: Allyn & Bacon, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.